O trágico: promessa de evento

O *Prometeu acorrentado* de Ésquilo*

Aristides Alonso

Estrela é que é meu penacho!
Manoel de Barros**

Os vestígios da mordida no nenhures. Também a isso tens de combater, a partir daqui.
Paul Celan****

Neste trabalho, pretendemos destacar uma articulação pontual: o modo como Alain Badiou concebe as noções de verdade e situação, principalmente em *Manifesto pela filosofia* (1991), para dar relevo ao sentido e ao lugar do evento no pensamento filosófico, e a crítica de MD Magno à noção de sujeito vinda da filosofia, como herdada do pensamento de Lacan. Nessa crítica, que se estende ao longo de seu trabalho de construção da Nova Psicanálise, leva ao extremo tal noção até seu definitivo abandono na consideração conseqüente da hipótese freudiana da Pulsão (de Morte). Com a retomada do mito de Prometeu de Ésquilo, pôde refazer a significação desse personagem conceitual, que destaca a possibilidade de acontecimento no campo fechado de qualquer situação sintomaticamente dada, e assim indicar possibilidades de intervenção mediante a Clínica Geral que a psicanálise pode propor.

Situação: evento e verdade

Para Badiou, em Manifesto pela filosofia, trata-se de fazer um passo a mais na filosofia depois de Descartes, passo esse que pudesse ligar às condições da própria filosofia os três conceitos nodais que são ser, verdade e sujeito.

A filosofia, para que ela exista, exige condições particulares, que são processos transversais, uniformes e reconhecíveis e cuja relação com o pensamento é relativamente invariável. O nome dessa invariante é Verdade[1]. Ao referir-se à sua origem, aponta também para sua singularidade no pensamento grego:

> (...) Se a Grécia viu nascer a filosofia, certamente não foi porque ela detinha o Sagrado na fonte mítica do poema, ou porque o velamento da Presença lhe fosse familiar à guisa de uma proposição esotérica sobre o Ser. Muitas outras civilizações antigas procederam ao depósito sacral do ser no proferimento poético. A singularidade da Grécia é muito mais a de ter interrompido a narrativa das origens pela proposição laicizada e abstrata, de ter ferido o prestígio do poema com o do matema, de ter concebido a Cidade como um poder aberto, disputado, vacante, e de ter trazido à cena pública as tempestades da Paixão.[2]

Desse modo, Badiou põe em evidente destaque o matema como condição fundamental da própria filosofia: "Aqui não entra quem não for geômetra"[3].

Procedimentos genéricos da verdade

O autor a seguir propõe as quatro condições da filosofia, que ele nomeia como procedimentos genéricos da verdade: o matema, o poema, a invenção política e o amor. Essas condições devem aparecer em conjunto, pois, na falta de qualquer uma delas dá-se a desaparição ou a suspensão da filosofia, isto é, a sua dissipação mediante uma sutura.

Filosofia então só há uma, sendo possível falar em a filosofia. Ela tem por condição os procedimentos genéricos, mas isso não significa que produza verdades, apenas faz com que tenham lugar, pois "busca reunir todos os nomes-a-mais"[4].

Esses procedimentos da verdade ou procedimentos genéricos distinguem-se do campo estabelecido dos saberes e de sua acumulação enciclopédica por sua origem eventural. Quando se mantém o mesmo estado de uma situação, quando nada aí acontece, há tão somente o exercício dos saberes acumulados, há veridicidade, mas não pode haver verdade, pois ela é, ao mesmo tempo, algo raro, excepcional, novo e próximo,

ontologicamente, do estado de coisas inicial[5]. Essa origem da verdade, diz Badiou, é da ordem do evento.

Para que um procedimento de verdade se desdobre relativamente à situação é preciso que um evento puro a suplemente. Essa suplementação não é nomeável nem representável pelos recursos ou expedientes da situação dominante – a sua estrutura, a língua estabelecida etc. O evento é inscrito por uma nomeação singular, o que significa pôr-em-jogo um significante a mais. Só há verdade se houver um evento que a suplemente.

> (...) na situação, se nenhum evento a suplementa, não há nenhuma verdade. Há o que chamo de veridicidade. Em diagonal, perfurando todos os enunciados verídicos, há chance de que advenha uma verdade, desde que um evento tenha encontrado seu nome extra-numerário.[6]

O caráter eventural dos procedimentos genéricos da verdade exclui, portanto, o alistamento enciclopédico. A enciclopédia é uma dimensão do saber e não da verdade, pois esta é justamente aquela que fura o saber quando de seu comparecimento.

Suturas

Quando se trata de destacar empiricamente o que o autor chama de "tempos modernos", faz questão de frisar que não há aí nenhuma invariância, mas sim que se pode fazer alguns recortes de Descartes aos nossos dias:

- que na idade clássica, a de Descartes e Leibniz, é a condição matemática que é dominante, sob o efeito do evento galileano, o qual tem por essência introduzir o infinito no matema;
- que a partir de Rousseau e de Hegel, escandida pela Revolução Francesa, a compossibilidade dos procedimentos genéricos está sob a jurisdição da condição histórico-política;
- que entre Nietzsche e Heidegger, é a arte, cujo coração é o poema, que retorna, por uma retroação anti-platônica, nos operadores pelos quais a filosofia designa nosso tempo como o de um niilismo esquecedor.[7]

Mas o que se destaca nitidamente nesse campo bastante suturado é que a nossa época não é nem técnica nem niilista. E a filosofia não está de

forma alguma acabada, mas sim que ela foi longamente suspensa. Assim também, se ela tratou de questões cruciais, deixou inacabada a meditação cartesiana e não soube perceber que uma nova etapa da doutrina da verdade já se anunciou, a do múltiplo-sem-Um, o das totalidades fragmentárias, infinitas e indiscerníveis[8].

Uma suspensão da filosofia pode se dar porque o jogo necessário para a efetiva compossibilidade dos procedimentos genéricos fica restrito ou, de alguma forma, bloqueado. Segundo Badiou, a causa mais freqüente desse emperramento consiste exatamente no momento em que a filosofia delega suas funções a esta ou àquela condição e dessa maneira apóia-se toda em apenas um dos procedimentos. A essa situação o autor dá o nome de sutura[9]. A sutura é o processo de clausura, de fechamento da filosofia, pois ela é posta em suspensão a cada vez que se apresenta suturada em uma das suas condições. Se a filosofia está então suspensa é porque ela está cativa em uma rede de suturas, particularmente para as suas condições científicas e políticas, que a interditam de prosseguir em sua compossibilidade geral.

> (...) o gesto que proponho é pura e simplesmente o da filosofia, o da des-sutura. Acontece que o desempenho principal, a dificuldade suprema, é a de des-suturar a filosofia de sua condição poética. Positivismo e Marxismo dogmático não constituem mais do que posições ossificadas. São suturas puramente institucionais e acadêmicas. Em contrapartida, o que deu poder à sutura poetizante, a Heidegger, portanto, está longe de se desfazer, até por falta de ter sido examinado.[10]

O filósofo faz então a severa crítica do que ele chamou de a "era dos poetas". Se a rivalidade entre poesia e filosofia é muito antiga, somente depois de Nietzsche e de Heidegger é que realmente se deu uma maior "poetização" do Ocidente. Descartes, Kant e Hegel podem ser chamados de muitos modos (matemáticos, físicos, etc), mas certamente que não foram poetas. Para ele, então, a "era dos poetas" está acabada e enumera os "sete poetas capitais" que, de algum modo, escandiram ou furaram essa era. São eles: Höelderlin, Mallarmé, Rimbaud, Trakl, Pessoa, Mandelstam e Paul Celan. A linha fundamental seguida por eles consistia precisamente na destituição da categoria de objeto, a poesia como desobjetificação. "Os

poetas souberam, é verdade que melhor do que os próprios matemáticos, que não existia objeto matemático"[11], diz Badiou. Essa desorientação e essa desobjetificação não são mais obrigadas a se enunciar na metáfora poética, pois hoje eles são conceitualizáveis[12].

Sítios eventurais

Pode-se demarcar o sítio onde se deram os eventos importantes de nosso tempo acolhidos pelos procedimentos genéricos da verdade. No matema, o trajeto de Cantor a Paul Cohen e a postulação do múltiplo indiscernível ou genérico. No poema, a obra de Paul Celan em crise cerrada com a sutura filosófica que aí operava. Na política, com as eventualidades obscuras (Maio-68, revolução cultural chinesa, revolução iraniana, Solidariedade, etc.) e no amor, Lacan, do qual Badiou diz não conhecer "nenhuma teoria do amor que seja tão profunda quanto a sua depois da de Platão, o Platão do Banquete com o qual Lacan dialoga incansavelmente"[13]. É precisamente esse pensamento (e seu retorno a Freud) uma das condições de renascimento da filosofia: "Uma filosofia é hoje possível por dever ser compossível com Lacan" [14].

Por isso afirma então em seu manifesto o seu gesto platônico[15] para fazer do fim da "era dos poetas" um ato e compossibilitar os procedimentos genéricos da verdade: "Uma verdade é essa consistência mínima (uma parte, uma imanência sem conceito) que verifica na situação a inconsistência que faz o ser"[16]. A situação é efetiva, ela tem lugar, é uma essencialização do lugar e por isso freqüentemente pensado no senso-comum como a única possível dada a sua consistência já estruturada, desde que se entenda esse *um* como suposição da abrangência do lugar por inteiro. O que, no aforisma de Leibniz, seria: "O que não é *um* ser não é um *ser*", muito adequado ao sentido e à definição de situação.

Os componentes de uma situação com o que quer que seja que a constitua, que são todos os índices que a produzem, são múltiplos e não redutíveis apenas a indivíduos ou a enunciados. Uma situação é sempre infinita e sua aparente finitude é efeito do saber, que opera por redução e simplificação. A situação é infinita, mas enumerável, contável. A situação é tal que se pode ai enumerar os seus componentes embora essa enumeração não seja jamais efetiva:

> Formalmente, se eu chamo $\underline{S}$ uma situação e $\underline{c}$ os componentes da situação, dizer que os componentes são enumeráveis vale dizer que existe uma série C_1, C_2,... C_n... infinidade de componentes que esgota a situação.
> Utilizei livremente a notação dos conjuntos $\in$ para indicar pertinência. Assim, que C_n seja um componente da situação $\underline{S}$ poderá ser abreviada sob a forma $C_n \in S$[17].

Entretanto, toda situação já está envelopada em uma linguagem, com setores mais ou menos formalizados segundo sua natureza. Não se deve confundir sua veridicidade (que é uma convenção ou consenso da situação) com a verdade que é sempre pós-eventuralística. Pode-se deduzir então que, se a situação é infinita, os enunciados do saber que a compõe não o são. A recoleção, inefetuável como todo, é tão somente a enciclopédia que dela resulta. Assim, não há como confundir saber e verdade.

O caráter eventuralístico dos quatro procedimentos genéricos (o matema, o poema, a invenção política e o amor) exclui qualquer listagem enciclopédica, pois esta é uma dimensão do saber e não da verdade. Para que haja um corte dentro da situação é necessária a aparição de um significante que não pertence à linguagem da situação dada. Esse corte sendo então puro traço formal, fora de tudo o que se constitui como conjunto enciclopédico de componentes de uma situação. Um corte na situação é uma interrupção, uma pontuação. Ou como diz Badiou: um clarão.

Todo evento tem um sítio singular, historicamente dado, através do qual o evento pode acontecer. Dizemos pode, pois um sítio não é necessariamente eventuralístico e tão somente o será no só-depois, quando puder ser pensado retroativamente tendo-se o evento por horizonte. Não é porque há sítio que há evento, mas sim que, porque houve evento, pode-se determinar o sítio – o sitio eventuralístico: "O sítio é uma condição de ser do evento"[18]. O evento não está na linguagem da situação. Muito pelo contrário, ele a invade como infiltração ou como inundação. Esse processo é então infinito e para ele não há saber, pois a verdade é inominável dentro do saber já organizado. Isso também significa que não há critério da verdade, assim como também não há saber da verdade. Uma verdade é inominável dentro da enciclopédia, uma verdade não é jamais sabida[19].

A conta-por-um

O pensamento de Badiou torna-se assim uma reflexão vigorosa sobre "sujeito" e "subjetivação". Senão, vejamos:

> Porque o sujeito é uma configuração local do procedimento, é claro que a verdade é igualmente indiscernível "para ele". Pois a verdade é global. "Para ele" quer dizer exatamente isto: um sujeito, que efetua uma verdade, não é entretanto comensurável a ela, pois ele é finito e a verdade é infinita. Ou seja, o sujeito sendo interno à situação, não pode conhecer, ou seja encontrar, senão os termos ou múltiplos apresentados (contados por um) nesta situação. (...) Deve-se abandonar absolutamente toda definição de sujeito que faça suposição de que ele conhece a verdade ou que esteja a ela ajustado. Sendo o momento local da verdade, o sujeito fracassa em sustentar a junção global. Toda verdade é transcendente ao sujeito precisamente porque todo o seu ser está em suportar a efetuação. O sujeito não é nem consciente nem inconsciente do verdadeiro.[20]

A situação é toda multiplicidade apresentada, pois, sendo a apresentação efetiva, uma situação é o lugar de ter-lugar sejam quais forem os termos da multiplicidade em questão. Toda situação admite um operador de conta-por-um e a definição mais geral de uma estrutura é aquela que estabelece, para uma dada multiplicidade, o regime de conta-por-um. Não há na situação nada além de um resultado, pois na situação tudo é contado. Ela é uma operação de conta-por-um onde o um, de fato, é efeito dessa operação. Vejamos o desenvolvimento dessa conta:

> Seja uma situação qualquer. Eu disse que a sua estrutura – o regime do conta-por-um – aí cindia o múltiplo apresentado: cinde-o em consistência (composição de uns) e inconsistência (inércia do domínio). Contudo, a inconsistência como tal não é verdadeiramente apresentada, pois toda apresentação está sob a lei da conta. A inconsistência, como múltiplo puro, é somente a suposição de que na amontante da conta, o um não é. Mas o explícito de uma situação qualquer é efetivamente o que o um

> é. De modo geral, com efeito, uma situação não é tal que a tese "o um não é" aí pudesse ser apresentada. Ao contrário, porque a lei é o conta-por-um, a situação envelopa a existência do um, nada aí sendo apresentado que não seja contado. Nada mesmo é aí apresentável de outro modo que não seja no efeito da estrutura, então na forma de um e sua composição em multiplicidades consistentes. De modo que o um não é somente o regime da apresentação estruturada, mas também o regime do possível da apresentação ela-mesma. Em uma situação não-ontológica (não matemática), o múltiplo só é possível na medida em que a lei ordene explicitamente o um da conta. Do interior de uma situação, nenhuma inconsistência é apreensível que seja subtraída à conta, e portanto a-estruturada. Uma situação qualquer tomada em sua imanência revira então o axioma inaugural de todo nosso procedimento. Ela anuncia que o um é, e que o múltiplo puro – a inconsistência – não é. O que é natural, pois uma situação qualquer, não sendo apresentação da apresentação, identifica necessariamente o ser ao apresentável, logo à possibilidade do um.[21]

Em síntese, esse é o movimento de incorporação de qualquer eventuralidade que se apresente descrito em *Manifesto pela filosofia,* sempre na dependência do conta-por-um, pois o que se disponibiliza como sobra é a conta e seus produtos.

A justiça de Prometeu

Nesse momento, MD Magno se aproveita das articulações de Badiou em seu Manifesto para um fecundo diálogo entre psicanálise e filosofia, na medida em que já há algum tempo sua teoria do sujeito também se afastava da tradição estruturalista de cunho lacaniano dos anos 1960/70. A estratégia utilizada é a leitura da tragédia Prometeu acorrentado, de Ésquilo, tendo como interlocução proposições de Badiou acerca do lugar da filosofia. Também já havia criticado há algum tempo a ética da psicanálise como formulada por Lacan particularmente no Seminário VII[22] e essa posição se acentua em seminários subseqüentes até ganhar recorte preciso em *Arte & Fato* (1990), com o desenvolvimento da idéia de *Eclosão do Sujeito*, já muito

diverso do sujeito barrado do classicismo lacaniano, até a formulação do conceito de *IdioFormação* ou *Pessoa* tempos depois. Como se sabe, a Nova Psicanálise abandona definitivamente a categoria de sujeito, importada da filosofia por Lacan, que ajudou a manter a psicanálise ainda acorrentada a uma perspectiva antropológica.

O mito de Prometeu da tradição grega é retomado para ficcionar, via psicanálise, a emergência de *evento* e sua circunscrição em uma dada *situação*. Agora não se trata mais do sujeito barrado, mas o que o que ele ainda nessa ocasião chamava de Sujeito da Denúncia ou "Sujeito em Abismo". Na versão de MD Magno assim terá acontecido a estória de Prometeu e sua guerra contra o poder olímpico:

1. No início era apenas Urano, a pura inconsistência do Haver; a seguir, um outro deus, Kronos, descendente direto de Urano, opera sobre ele a primeira castração, um corte sobre a inconsistência para dar-lhe alguma consistência: "Urano é essa grande inconsistência do Haver que, por uma operação, uma emergência qualquer, sofre uma limitação, um corte, que se chama (...) Kronos"[23].

2. Kronos passa então a dominar a cena por esse primeiro recorte que torna o Haver mais consistente, mas nem por isso pode-se aí localizar qualquer coisa ainda. É consistência sem arranjo, sem discernimento interno, consistência altamente voraz em relação a tudo o que aí emerge.

3. Surge então Zeus, um dos filhos de Kronos, que, depois de sucessivas peripécias segundo a tradição mitológica, rebela-se contra Kronos para fundar um lugar que pudesse escapar à devoração crônica; nesta luta Zeus é ajudado pelos Titãs, sendo um dos Titãs justamente Prometeu.

Zeus repete sobre Kronos o que este já fizera com Urano, repetição fundadora do Olimpo e possibilitadora de uma ordem de estado já configurada como *pólis*. Mas acontece que nessa revolução os próprios Titãs tornaram-se submissos a Zeus. Ocorre então a revolta dos Titãs contra Zeus que novamente vence, desta vez com o auxílio de Prometeu. Ele supunha que, nessa decadência, as forças titanescas dominadas por Zeus acabariam por ser distribuídas aos homens. Mas Zeus, perversamente, mais uma vez toma para si todo o poder possível através de artimanhas e trapaças.

4. Agora, ao ver-se traído, quem se rebela é Prometeu. Mas não estava em condição de operar sobre Zeus um novo corte que pudesse dialetizá-lo. Zeus, todo-poderoso, embora não pudesse destruir Prometeu, manda acorrentá-lo no alto de uma montanha:

> (...) Isto para que ele não insistisse na distribuição da força aos homens. Que força? O fogo. Prometeu tinha a força do fogo – justamente aquela que, em forma de raio, junto com outras, estava na mão de Zeus para dominar tudo"[24].

Mas com isso Prometeu não é destruído; está tão somente acorrentado e no final da tragédia de Ésquilo ainda fica afirmando que Zeus um dia seria derrubado. Anúncio de futuro. Na peça, a fala de Prometeu é radical e positivada:

> Que um inimigo sofre todo mal que lhe pode fazer o outro, nada mais natural. Pois que caiam sobre mim os raios fulminantes; que os ventos furiosos inflamem os céus; que a tempestade agitando a terra em seus fundamentos, abale o mundo; que flagelos sem exemplo confundam as vagas do oceano com as estrelas da abóbada celeste; que Júpiter (Zeus), usando seu invencível poder, precipite meu corpo nos abismos do Tártaro; faça ele o que fizer... eu hei de viver![25]

O trágico: promessa de evento

Na limitação totalizante operada por Kronos sobre Urano sobra algo, sobra um resto de sua própria inconsistência. Na estória mitológica trata-se da castração de Urano, cujo pênis cai no mar para retornar como Vênus, em co-memoração da inconsistência original. Assim resumem-se os tempos mitológicos dessa fundação:

> Então, rememorando até aqui: momento Urano, inconsistência; momento Kronos, o corte operado sobre Urano; cai Vênus, co-memoração da inconsistência – co-memoração porque não é a inconsistência pura, mais o lembrete por negação da inconsistência – esta dialética é em aberto. Isto que poderíamos chamar de Nome-do-Pai é horizonte. Portanto, dialetiza com Vênus.[26]

Há uma grande insistência de MD Magno na complexidade da operação efetuada por Zeus. Ele é também a operação do rebatimento de recorte sobre recorte capaz de construir *fronteira*, ou seja, linha divisória fixa onde se perde a elasticidade infinitesimal do horizonte como *limite* (w), como se o ato olímpico de Zeus pretendesse a total supressão de todo e qualquer ato comemorativo da inconsistência. E isto já é perversidade. É justamente contra ela que Prometeu se rebela, mediante um *não* radical à postura olímpica de Zeus. Prometeu é então aquele que insiste na *distribuição do fogo para todos*, num verdadeiro *comunismo das singularidades*, segundo Badiou[27]. Aquele que aposta radicalmente na possibilidade de furar o cinturão olímpico instaurado por Zeus e dessa maneira trazer para dentro da situação estabelecida a emergência do novo resultante do vigor da inconsistência. Para Ésquilo, o trágico não é tão somente erro fatal, mas promessa de evento[28].

> Não adianta vir com essa lei, pois ela é só regional. Existe uma Lei maior que, o tempo todo, pede Justiça. E fazer Justiça é deixar de emergir no seio do Estado o que é não-Estado; no seio do lugar o que não tem lugar; no seio do espaço o senlugar, diria Alain Badiou. Esta é a função de Prometeu que, nesta linhagem, vem concluir o esquema que estou apresentando, escrevendo-se como o deus a ser produzido – porque é mero Titã – e que insistirá na derrubada do trono de Zeus enquanto distribuição radical a cada um dos homens. Então, Prometeu é aquele que insiste em tomar o excessivo, a exceção, que Zeus se julga ser, e colocá-la para dentro. Ou seja, fazer um buraco na situação, no interior da fronteira (...).[29]

É precisamente esse ato, considerado na seqüência dos movimentos lógicos da fundação, aqui representado por Prometeu, que MD Magno chamou em dado momento de Falanjo, ou seja, é aquele que torna possível uma operação, dentro da situação já dada, pela insistência vigorosa e afirmativa da efetiva possibilidade da transmissão. Do quê? De tudo aquilo que é possível, enquanto emergência, como produto de um evento. É na transmissão de Prometeu que a guerra pela Justiça tem lugar e vez. Transmissão matêmica, poética, política e erótica[30], a única capaz de libertar Prometeu para o exercício pleno e plerômico da sua arte em ato de

destruição e *restrução*[31] da situação para refazer e perfazer essa situação no tempo da *utopia*, no tempo do *evento*, no tempo do *terá sido*, prometendo para o futuro a plenitude possível do que há em movimento da Pulsão, mesmo que impossível de fato, mas requerida de direito como simetria absoluta.

Trata-se de convocar a psicanálise para muito mais do que somente a uma ação setorizada na clínica de divã. É uma retomada do projeto freudiano de efetiva intervenção na realidade do mundo, na ordem da situação, para acossá-la e assim, quem sabe, deslocar a sua inércia cultural fossilizada ou então acolher, mediante interpretação, os efeitos de qualquer verdade pós-eventuralística. Verfica-se então o exercício de livrar a psicanálise de sua atual submissão à postura olímpica e reacendê-la com o fogo de Prometeu para a efetiva transmissão como distribuição para todos. Mas isto tem um alto preço - quem sabe o mais alto - e uma postura por vezes até arrogante, que é a postura de Prometeu, apesar de acorrentado (ou vai ver que por isso mesmo), pois se trata do *desejo de liberdade*, do desejo radical do Haver, que é pura impossibilidade.

A esse "Sujeito da Denúncia" ou "Eclosão do Sujeito", eclosão prometéica no seio do Haver tornado situação, MD Magno chama de *Clínica Geral*, pois não se trata mais de cura eventual de um ou outro (também muito importante), mas de uma intervenção curativa na própria cultura, tarefa sem dúvida ambiciosa e de alto risco em todos os sentidos. Afinal, Zeus supõe que sua tranqüilidade e sua paz dependem da morte de Prometeu. Mas, como se sabe, isso também é impossível. Contra ele está toda a organização muito bem montada da ordem estabelecida sob a égide e o governo de um poder olímpico perversista que se coloca como instância legal para um grupo de neuróticos anônimos que nomeia apenas esse poder e dele cobram o exercício efetivo do seu mando, como se fosse necessário! Nossa cultura, de origem neolítica, está constituída pela sobreposição de várias camadas de fósseis mitológicos e isso torna qualquer alteração, pela emergência dos procedimentos genéricos, extremamente difícil e complicada.

Esta é a guerra sem tréguas que a psicanálise exige de cada um que toma o fogo de sua transmissão, a única exigência que de fato conta, a exigência do fato de haver pulsão que deseja o que não há, a Morte, que tudo enfim pacificaria. Isso é categoricamente impossível. Essa guerra contra a situação é sem tréguas e sem quartel e, por isso mesmo, requer maquiavelicamente toda astúcia e artifício.

Filosofia e psicanálise

Então, para MD Magno, pode-se também pensar a especificidade da psicanálise em contraponto com as hipótese de Badiou sobre a filosofia, nesse momento um bom interlocutor. O lugar da filosofia e da psicanálise ressaltando-se a singularidade de cada uma das vias. Vejamos o fragmento final da *Nota ao Manifesto pela filosofia* na edição brasileira do livro:

> (...) se a Filosofia trata de discorrer sobre a compossibilidade pós-eventural de suas condições (Matemática, Poética, Política e Erótica), o que cabe então à Psicanálise? Como aquela que foi capaz de acolher a condição Erótica como a moduladora desse quatro no "Um" do Nó (chafurdando no amor para dele distanciada recolher o Dois a cada emergência de verdade no seu pantanal), o que lhe cabe é sua Clínica Geral: acossamento da verdade que terá-sido, à pronúncia do evento que será-tido (na interpretação). E daí, o diálogo infinito da Psicanálise com a Filosofia – pois das considerações desta em torno da compossibilidade nesse Nó, aquela há de tirar alguma gasolina para seu motor, de cujo movimento esta há de colher as eventuras que colher para sua aventura de compossibilitação. E assim por diante e para sempre, até que a Morte as não separe jamais: enquanto Isso durar.
> Filosofia: "veracidade efetiva sob condição de efetividade do verdadeiro" (Badiou).
> Psicanálise: acossamento da situação à pronúncia do eventural, para advento de verdades efetivas. À eclosão do Sujeito.
> Eis a Clínica Geral como Militância do psicanalista. A Filosofia ajudando, como agora podemos esperar.[32]

E como se dá essa militância da psicanálise? Não se trata mais da clássica idéia de revolução, que nos conduz sempre de volta ao mesmo lugar, mas do projeto de Eclosão: uma escuta atenta do mundo para surpreender as possibilidades de Evento e, mediante seu reconhecimento e nomeação na situação, acolher essa emergência como Arte ou Técnica, sempre capazes de transformar o estado da situação e minorar o mal-estar a que estamos irremediavelmente condenados.

Notas

⋆ Trabalho produzido para o Projeto Integrado de Pesquisa *Um Pensamento Original no Brasil: Revisão da Modernidade*, da Linha de Pesquisa *Psicanálise, Cultura e Modernidade* desenvolvida pelo *...etc.* – Estudos Transitivos do Contemporâneo, inscrito nos Grupos de Pesquisa do Brasil/CNPq pela Universidade Federal de Juiz de Fora, código UFJF. 0001.

⋆⋆ BARROS, M. (1990), p. 203

⋆⋆⋆ CELAN, P. (1985), p. 119

1. BADIOU, A. (1991), p. 7
2. Ibidem, p. 8
3. Ibidem, p. 8
4. Ibidem, p. 10
5. Ibidem, p. 10
6. Ibidem, p. 10. Confira-se também *Le nombre et les nombres* (1990), p. 133. "Diremos precisamente que isso que aqui faz sintoma é a diferença radical entre *nomeação* e *significação*. Uma significação é sempre distribuída pela língua da situação, a língua dos saberes estabelecidos e transmitidos. Uma nomeação, ao contrário, surge na falta da significação para fixar um evento, para decidir a ocorrência, no momento em que esse evento, que suplementa a situação por um acaso incalculável, está à beira de seu desvanecimento. Uma nomeação é uma invenção "poética", um significante a mais, que finca na língua isso para que nada a preparara. Uma nomeação, desde que o evento que suportava a invenção jamais foi abolido, permanece no vazio das significações."
7. Ibidem, p. 29
8. Ibidem, p. 34
9. Ibidem, p. 41
10. Ibidem, p. 39
11. Ibidem, p. 46
12. Ibidem, p. 47
13. Ibidem, p. 61-64
14. Ibidem, p. 68
15. BADIOU, A. (1988), p. 32
16. Ibidem, p. 200
17. BADIOU, A. (1991), p. 67
18. BADIOU, A. (1988), p. 434-435
19. Ibidem, p. 65-66
20. Ibidem, p. 75-76
21. Ibidem, p. 77
22. Esta crítica de MD Magno à ética como formulada por Lacan em *A ética da psicanálise* (de 1959-1960) teve seu desenvolvimento em duas sessões do seu Seminário *De Mysterio Magno* intituladas Até e Le tic de la psychanalyse. Esse tema ganha ainda maior extensão a partir do seminário *Est'ética da psicanálise* - I (1989) quando a questão da ética recebe o seu agravamento conceitual à luz do Pleroma. Cf. MAGNO, MD (1989).
23. MAGNO, MD (2001), p. 177
24. Ibidem, p. 179
25. ÉSQUILO (s/d), p. 64.
26. MAGNO, MD (2001), p. 180

27. BADIOU, (1989), p. 91-92
28. Evento também como pensado por Alain Badiou. Cf. *Manifesto pela filosofia*, p. 65.
29. MAGNO, MD (2001), p. 182
30. Ibidem, p. 183
31. Ibidem, p. 183: "por aí é que passa a CURA, pela libertação de Prometeu e a criação de condições para que se transmita o fogo: matematicamente, poeticamente, politicamente e eroticamente – que são as condições da transmissão. Só que têm que ser transmitidos em conjunto, não se pode perder nenhuma área, pois perder alguma é deixar preso um dos membros de Prometeu. Tem-se que soltar todos os grilhões para que Prometeu possa exercer sua Arte Total, a qual exercida, se chama CLÍNICA GERAL. Soltar esses grilhões em todas as condições ao mesmo tempo é praticar a Clínica Geral". Confira-se também o segundo capítulo do livro de Alain Badiou, anteriormente citado, intitulado *Condições* a propósito dos *procedimentos genéricos* da filosofia.
32. MAGNO, MD (1991). Nota. In: BADIOU, Alain. Manifesto pela filosofia. Rio de Janeiro: Aoutra: 1991, p. 69-74.

Referências bibliográficas

ALONSO, Aristides. *Arte da Pilotagem*. In: Subjetividade e Escrita. Org. Robson Pereira Gonçalves. Bauru: EDUSC; Santa Maria: UFSM, 2000, p. 185-223.

BADIOU, Alain. A autonomia do processo estético. In: *Estruturalismo*: antologia de textos teóricos. Org. por Eduardo Prado Coelho. Lisboa: Portugália, 1968, p. 397-417.

_____. *Le nombre et les nombres*. Paris: Seuil, 1990, 284 p.

_____. *L'être et l'événement*. Paris: Seuil, 1988, 561p.

_____. *Manifesto pela filosofia*. Rio de Janeiro: Aoutra, 1991. Versão e nota de MD Magno, 74 p.

_____. *Peut-on penser la politique*? Paris: Seuil, 1985, 124 p.

_____. *Théorie du sujet*. Paris: Seuil, 1982, 353 p.

BARROS, Manoel de. *Arranjos para assobio*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1982, 61 p.

CELAN, Paul. *Hermetismo e hermenêutica*: Paul Celan - Poemas II. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro; São Paulo: Instituto Hans Staden, 1985, 243 p. Introdução, tradução, comentários e organização de Flávio R. Kothe.

ÉSQUILO. *Prometeu acorrentado*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1970, 200 p.

LACAN, Jacques. *O Seminário. Livro 7:* A ética da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 1982.

MAGNO, MD. *Sexo dos anjos: a sexualidade humana em psicanálise* [1986/7]. Rio de Janeiro: Aoutra, 1988.

_____. *Psicanálise e Polética* [1981]. Rio de Janeiro: Aoutra, 1986.
_____. *Est'Ética da psicanálise*: introdução [1989]. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1992.
_____. *Arte e psicanálise*: estética e clínica geral [1995]. Rio de Janeiro: Novamente, 2000.
_____. *Arte & fato*: A Nova Psicanálise da Arte Total à Clínica Geral. Rio de Janeiro: Novamente, 2001.

Resumo

A tragédia como possibilidade de evento: o mito de Prometeu. Um paralelismo entre a filosofia como pensada por Badiou e a Nova Psicanálise de MD Magno. Arte e Técnica.

Palavras-chave

Evento; Situação; Prometeu; Eclosão; Clínica Geral.

Abstract

The tragedy as a possibility of event: the myth of Prometheus. A parallelism between philosophy as it is presented by Badiou and the New Psichoanalysis of MD Magno.

Key-words

Event; Situation; Prometheus; Eclosion; General Clinics.